

Oficina
Desmascarando
a Educação
Física -
Rostos e
Rostidades no
Ensino Médio



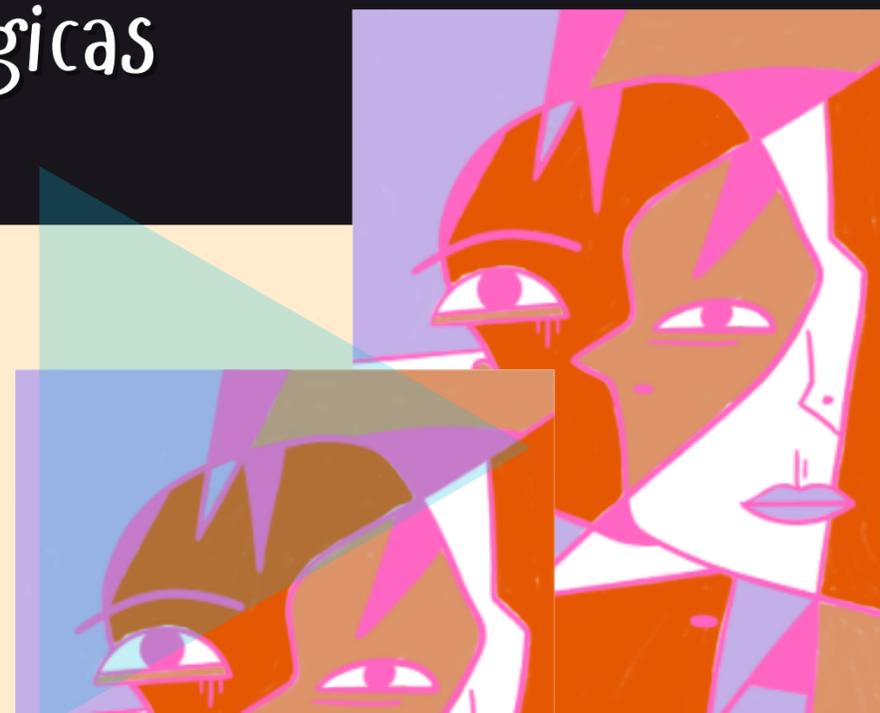
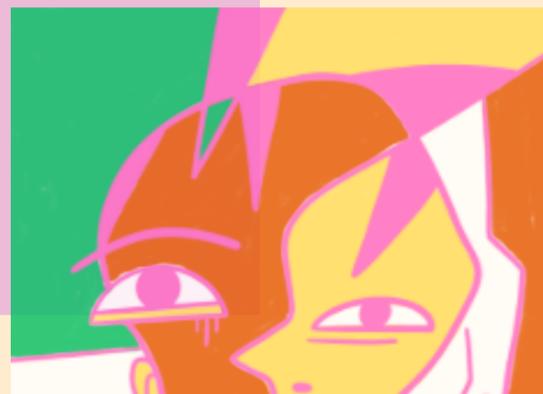
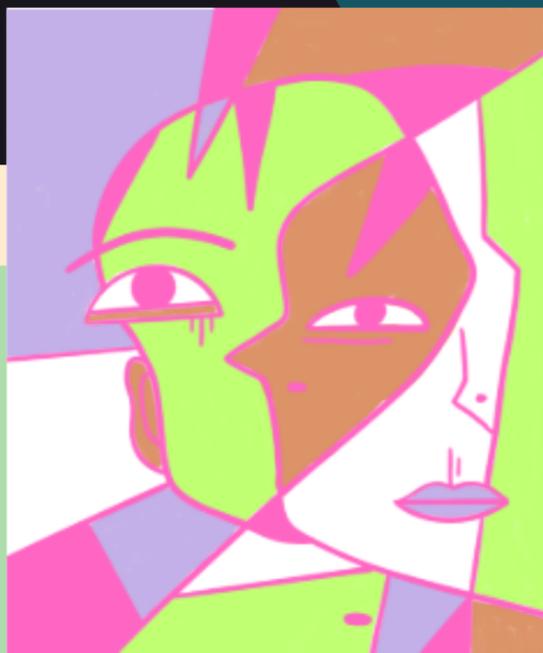


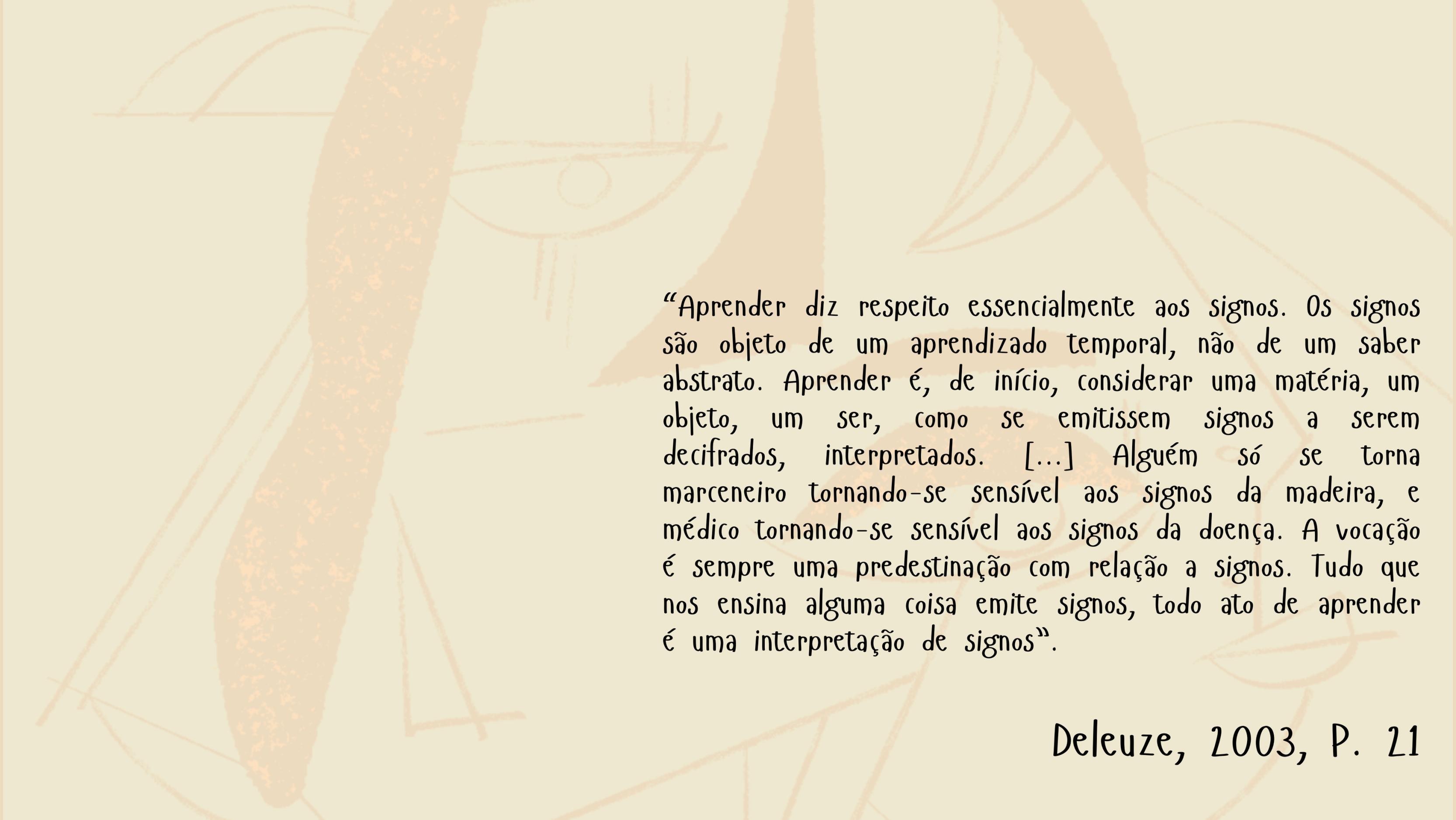
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Oficina Desmascarando a Educação Física – Rostos e Rostidades no Ensino
Médio

Uma oficina prática para repensar a Educação Física e criar novas
possibilidades pedagógicas





“Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. [...] Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos”.

Deleuze, 2003, P. 21

Rayvo Viana do Nascimento.

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.

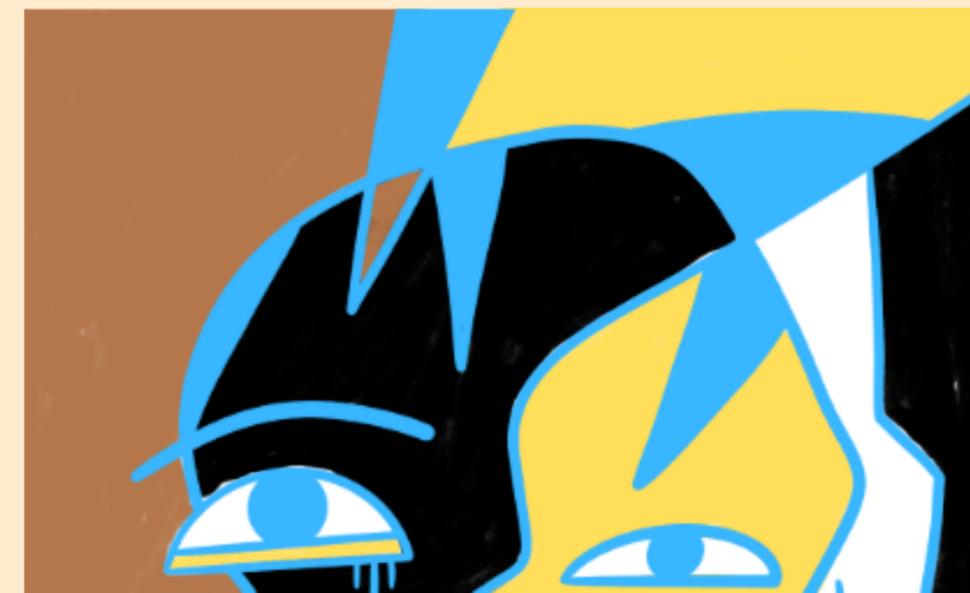
Aprendiz que não cabe em um rosto que o aprisione. Nem o nome ele recebeu como amarra subjetiva...ele como bom seguidor de Tânia, ousou em se inscrever nos desvios, nas linhas de fuga de um currículo que teima em ser fixo, mas que encontra na sua trajetória um campo de experimentação. Sua presença na Educação Física e na Educação de Jovens e Adultos se dá como um movimento—não de adequação, mas de invenção de modos de existir e ensinar.

O percurso de Rayvo não é um trajeto retilíneo, mas um rizoma que se expande entre práticas de ginástica, ensino, pesquisa e políticas educacionais. Suas investigações sobre o Novo Ensino Médio e a Educação Física não são apenas diagnósticos, mas gestos de resistência contra a tentativa de normatização do corpo e da aprendizagem. Ele se move entre o FORDAN, os estudos sobre a filosofia da Diferença e a articulação curricular, criando passagens onde o ensino poderia ser apenas um espaço de contenção.

Se há um rosto, ele se dissolve na multiplicidade de atravessamentos que compõem sua trajetória. Não um educador fixo, enquadrado, mas um corpo em errância, atento às forças que moldam e tensionam os currículos. Um professor, pesquisador e militante da educação que não se rende à estabilidade de uma identidade única, mas que se faz e refaz no contato com os signos da diferença.



AUTOR



CO-AUTORA



Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni.

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Tânia Delboni não se encerra em um nome, título ou função. Seu percurso acadêmico é um campo de forças em constante devir, onde o pensamento se arrisca a escapar das molduras que o fixam. Ela não se deixa ser capturada por uma identidade estática, pois seu trabalho está impregnado da errância própria dos que fazem da pesquisa um ato de resistência e invenção.

Se há um rosto, ele se dissolve na trama de suas pesquisas sobre currículos nômades, subjetividades em fuga e aprendizagens que se dão no entre, nas dobras do cotidiano escolar. Mais do que descrever, Tânia desenha cartografias, não como mapas que delimitam, mas como rastros de encontros que reverberam na experimentação de novas possibilidades de existência na educação.

Sua atuação tensiona as amarras de um currículo domesticador, convocando a potência dos signos da arte, do cinema, das práticas discursivas, na aposta de uma estética da existência. Sua escrita não se submete à norma, mas gagueja, hesita, desvia—não por falta, mas por excesso de possibilidades.

Não há um rosto fixo, mas múltiplas faces que emergem e se dissolvem nos atravessamentos da formação docente, das políticas curriculares e das redes de conversação que ela ativa. Se tentássemos capturá-la em uma imagem, talvez fosse a de um corpo em movimento, traçando linhas de fuga no campo da educação, recusando-se a ser um retrato finalizado.



DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Autoria: Rayvo Viana do Nascimento e Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni

Nível de Ensino a que se destina o produto: Educação Básica e Formação de Professores

Área de Conhecimento: Educação

Público-alvo: Professores/as da Educação Física

Categoria desse produto: Oficina Educativa

Finalidade: Proporcionar uma experiência formativa crítica que auxilie professores/as de Educação Física a identificarem práticas excludentes em sua atuação, desnaturalizando padrões normativos associados aos corpos e abrindo espaço para práticas pedagógicas mais inclusivas, sensíveis e inventivas.

Organização do Produto: O produto é organizado em uma sequência de etapas pedagógicas com fundamentação teórica, propostas de atividades práticas, momentos de reflexão e referências, estruturando-se como uma oficina a ser vivenciada em ambientes de formação inicial ou continuada.

Registro de propriedade intelectual: Ficha Catalográfica emitida pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo.

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: Digital e/ou impresso

URL: Página do PPGPE: www.educacao.ufes.br

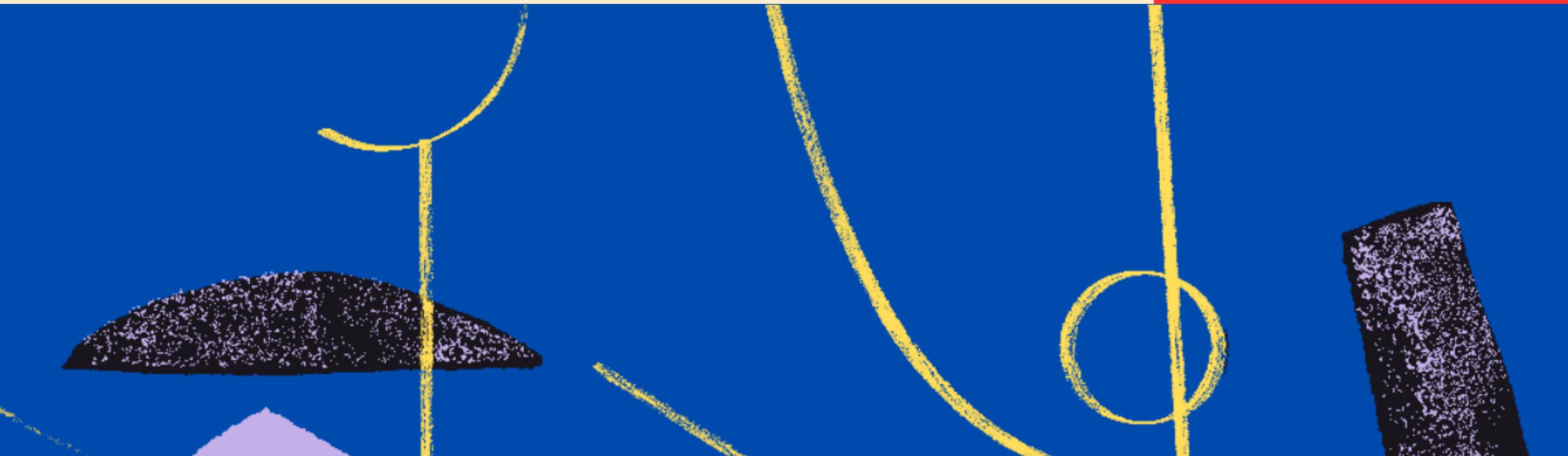
Processo de Validação: Validado na banca de defesa da dissertação

Processo de Aplicação: Aplicado em contexto formativo com professores de Educação Física da rede pública e validado em grupos de pesquisa vinculados ao PPGPE

Impacto: Alto. O produto foi desenvolvido a partir de demandas concretas dos professores da Educação Básica e se propõe a desconstruir práticas pedagógicas excludentes na Educação Física escolar

Inovação: Alto teor inovativo. O produto propõe a inserção de conceitos filosóficos (como a rostidade) pouco explorados na formação docente, articulando-os com práticas pedagógicas concretas e reflexivas

Origem do Produto: Dissertação intitulada A Educação Física e o Novo Ensino Médio: reexistências em meio à tentativa de rostidade imposta



“Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo. (...) Aprender é constituir esse espaço do encontro com signos”.

Deleuze, 2018, P. 31



1. Sobre a Oficina
2. Rostidade e a Educação Física
3. Apresentação
4. O que é Rostidade?
5. Como essa Oficina pode operar na ressignificação da Educação Física?
6. Rupturas e rompimentos
7. Impulsos desejanter
8. Desdobramentos esperados
9. Materiais...
10. Porque destinar a Oficina a esse público foco?
11. Tempos? Espaços?
12. Percursos...cursos...incurros...recursos...

Sumário

Atividade 1- O rosto e a educação física	.13
Atividade 2 – Refazendo os rostos dos/das professores/as	.14
Atividade 3 – O movimento, a rostidade e o corpo	.15
Iniciando uma Imersão	.13
A educação física ideal?	.17
Reflexões e Encaminhamentos	.18
Nos despedindo com um mergulho	.19
Ao/a professor/a que dança com o caos	.20
Coletando dados da sua participação	.21
Referências	.22

SOBRE A OFICINA

1.

OFICINA: DESMASCARANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA - ROSTOS E ROSTIDADES NO ENSINO MÉDIO

O que é essa oficina?

Esta oficina convida você a repensar a Educação Física e sua relação com os corpos, os movimentos e as identidades. Por muito tempo, essa disciplina esteve presa a uma visão tecnicista e normatizada, excluindo diferenças e limitando possibilidades. Aqui, buscamos romper com essas barreiras e experimentar novas formas de vivenciar o corpo e o movimento na escola.

Para quem ela se destina?

Esta oficina é voltada para professores e futuros docentes de Educação Física que desejam ampliar suas perspectivas sobre a disciplina e desenvolver abordagens pedagógicas mais criativas e inclusivas. Se você quer transformar a Educação Física em um espaço de liberdade e experimentação, esta oficina é para você!

Ps.: A oficina foi pensada para professores, mas nada impede de ser ressignificada e experimentada com estudantes.

Como participar de forma prazerosa e disruptiva?

Abra-se para novas experiências: Aqui, o movimento é expressão, experimentação e crítica. Permita-se sair do comum.

Observe e questione: Como a Educação Física tem sido ensinada? Quem participa? Quem fica de fora?

Sinta na própria pele: Vivencie como os corpos são moldados por regras invisíveis e explore maneiras de libertá-los.

Experimente o novo: Teste outros gestos, crie movimentos, redesenhe a Educação Física com base na multiplicidade.

Construa coletivamente: Troque experiências, escute o outro e colabore para transformar a prática pedagógica.

O que esperamos com essa oficina?

Nosso objetivo é provocar reflexões e deslocamentos. Queremos que você saia daqui com novas perguntas, novas ideias e novos impulsos para reinventar sua prática docente. Não há respostas prontas, mas há caminhos a serem traçados juntos.

VONTADE DE MOVER E DE SER MOVIDO!
Venha com curiosidade,



2.

R
O
S
T
I
D
A
D
E

e a Educação Física



A Educação Física escolar tem sido historicamente marcada por uma imagem rígida e normatizada. Em muitos casos, essa disciplina é associada a um ensino tecnicista, voltado ao rendimento esportivo, à disciplina corporal e à conformação de determinados padrões de comportamento e desempenho. Esse processo se insere no que Deleuze e Guattari (2012) chamam de rostidade: a imposição de formas e identidades fixas que definem quem pode ou não pertencer a determinado espaço, naturalizando padrões e excluindo diferenças.



Essas normatizações, regras, enquadramentos, é o que coloca rostos na educação física. Quase que instataneamente, ao ouvir falar de Educação Física, logo surgirá na mente das pessoas, algo aproximado e projetado do que é esse componente na escola. Parece uma materialização de um rosto “individual” para o todo um “coletivo”.

Mais adiante, aprofundaremos o conceito de Rostidade abordados por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012).



No contexto do Novo Ensino Médio, essa normatização se agrava com a redução da carga horária da Educação Física e sua inserção dentro de itinerários formativos que nem sempre garantem sua presença como componente curricular essencial. Esse movimento fragiliza ainda mais a área, restringindo suas possibilidades e reforçando um ensino baseado em uma visão reducionista do corpo.



3.

A P R E S E N T A Ç Ã O

A oficina "Desmascarando a Educação Física: Rostos e Rostidades no Ensino Médio" busca provocar uma reflexão crítica sobre esses processos. Ao trabalhar com a imagem da Educação Física, essa proposta permite que professores identifiquem e questionem os enquadramentos que moldam suas práticas pedagógicas, reconhecendo as forças que delimitam os corpos e os movimentos possíveis na escola.

Ao experimentar a rostidade na própria pele, os educadores são convidados a perceber como a Educação Física tem sido enquadrada ao longo do tempo e como podem criar fissuras nesses modelos. Por meio de exercícios de observação, movimento e criação de novas representações, a oficina possibilita um deslocamento do olhar, abrindo caminhos para práticas mais inventivas e inclusivas.

Assim, essa oficina não é apenas um exercício teórico, mas uma experiência prática de desconstrução e reinvenção, alinhando-se à Filosofia da Diferença e à necessidade de fortalecer a Educação Física como um espaço plural, crítico e potente dentro do Ensino Médio.

4.

O QUE É ROSTIDADE?

De acordo com Trindade (2023)
nas discussões que realiza no Blog “Razão inadequada”,
o rosto é uma construção exterior!

Ele não é dado de antemão, tampouco uma alma encarnada.

Trata-se, pura e simplesmente, de uma ficção que delimita fluxos.

Ele nos é imposto de fora, uma criação do poder. Não nascemos rostos, tornamo-nos rostos.

Por isso, mais do que um substantivo, a rostidade opera como um verbo: rostificar.

Rostificar significa impor um modo de ser, de mover-se, de falar, de vestir-se, de amar, de existir.
Um modo de pensar e de sentir. O rosto é a máscara que nos forçaram a usar. Mas por quê? Para
quê?

A rostidade se manifesta sempre que uma multiplicidade precisa ser organizada. Como isso acontece?
Define-se um ponto central como modelo, e os demais rostos são distribuídos a partir desse referencial.

Para organizar a multiplicidade, é preciso um critério, certo?

Esse critério estabelece uma hierarquia de proximidade e semelhança.

E qual é o grande modelo? Aquele que todos devem imitar, mas do qual muitos jamais se aproximarão?

Homem-branco-europeu-racional-capitalista-cristão-heterossexual-
magro...

Diante disso, quem são os desviantes? A mulher, o negro, o latino, o asiático, o africano, a criança, o louco, o muçulmano, o judeu, o umbandista, o camponês, o indígena, o homossexual, o bissexual, o gordo, o transexual - e tantos outros.

Nas aulas de educação física por exemplo, os corpos gordos, os corpos femininos e outros, são sempre colocados em algumas caixinhas de separação, que na maioria das vezes também são as caixas da exclusão. Eles, naturalmente são excluídos de alguns processos, algumas atividades e interações. As posições se multiplicam: homem sobre mulher, branco sobre negro, rico sobre pobre, cristão sobre não-cristão, o magro sobre o gordo, o hétero sobre o homossexual - e assim por diante. A rostidade é um mecanismo de detecção de desvios.

Na rostidade (Deleuze; Guattari, 2012) está impregnado as significações que formam esse rosto que dá materialidade a rostidade. Nesse contexto, a rostidade opera através do examinar, avaliar, enquadrar e distribuir cada indivíduo “em seu devido lugar” dentro da sociedade (Trindade, 2023). Do centro à periferia, ela se aplica para ordenar as multiplicidades. A rostidade define o que é normal e o que é anormal, o que é bom e o que é ruim, o que é certo e o que é errado.

Alguns desvios serão tolerados - desde que mantidos à margem, confinados em guetos, mantidos à distância (Trindade, 2023). Outros, porém, não serão aceitos: serão excluídos, proscritos, eliminados. Mas todos, sem exceção, serão específicos e catalogados.

Por isso a compreensão de que não há exterior, não há fora, não há desconhecimento. Tudo será mapeado e ajustado ao modelo imposto (Trindade, 2023).

E onde, então, a rostidade enquadra a Educação Física nisso?

A rostidade (Deleuze; Guattari, 2012), enquanto mecanismo de controle, organiza os alunos segundo um critério de proximidade e semelhança com esse modelo ideal. Aqueles que não se ajustam em alguns processos – as meninas que recusam a performance da feminilidade dócil, os meninos que não se encaixam na virilidade imposta, os corpos que não performam força e destreza – são empurrados para as margens, desestimulados ou simplesmente excluídos.

Rostificar a Educação Física significa convertê-la em um espaço de normalização dos corpos e dos gestos, onde só aceita-se os habilidosos, os virís, os fortes, magros e ágeis.

A disciplina pode deixar de ser um território de experimentação e se transformar em um campo de vigilância, onde os corpos são vigiados, corrigidos e ajustados ao modelo imposto. Nesse interím, por vezes, o objetivo é ensinar o emagrecimento, a busca do padrão de beleza, o enquadramento do perfil produtivo e por ai vai.

Por isso, Desmascarar a Educação Física é necessário e essencial para a manutenção da diversidade.

Se a rostidade (Deleuze; Guattari, 2012) opera oprimindo as diferenças, a proposta da oficina é desmascará-la. Isso significa desafiar os padrões que definem quais corpos têm lugar na Educação Física escolar e abrir espaço para a multiplicidade de existências e movimentos.

5.

Como essa oficina pode operar na ressignificação da Educação Física?

A tentativa que nos move, se baseia em aplicar a oficina "Desmascarando a Educação Física: Rostos e Rostidades no Ensino Médio" utilizando-a como um dispositivo de deslocamento, possibilitando que professores percebam e questionem os moldes normativos que estruturam sua prática pedagógica. Ao trabalhar com o conceito de rostidade, a oficina aponta como a Educação Física tem sido capturada por discursos que enquadram corpos, comportamentos e aprendizagens dentro de um modelo padronizado e excludente.

Com essa abordagem e a aplicação prática, deseja-se provocar rupturas, dolorosas ou não, no modo de "verfazerviver" Educação Física.



6.

RUPTURAS E

ROMPIMENTOS

Nesse exercício de ruptura, rompemos com a rostidade ao:

Questionar os critérios de avaliação e valorização dos alunos;

Reconhecer e valorizar diferentes formas de expressão corporal;

Ampliar a concepção de movimento para além do rendimento e da competição;

Criar práticas que acolham corpos diversos e respeitem suas singularidades;

Associar o conceito de rostidade à oficina "Desmascarando a Educação Física - Rostos e Rostidades no Ensino Médio", nos remete a ideia de que a Educação Física, enquanto prática pedagógica, muitas vezes opera como um dispositivo de rostificação. Ou seja, ela não apenas organiza os corpos dentro de um espaço escolar, mas também define quais corpos importam, quais gestos são valorizados, quais expressões são legítimas e quais devem ser reprimidas.

Assim como a rostidade no campo social impõe um modelo hegemônico - homem, branco, europeu, racional, capitalista, cristão, heterossexual, magro - a Educação Física tradicional frequentemente reforça um ideal corporal normativo: forte, ágil, masculino, competitivo, disciplinado, habilidoso, coordenado, e...e...e...

Esse modelo hierarquiza os corpos e os movimentos, determinando quem se encaixa e quem será visto como desviante:

- Quem é valorizado nas aulas de Educação Física?
- Quem é marginalizado ou silenciado?
- Como o currículo reforça padrões excludentes de gênero, raça e classe?
- Como certas práticas desqualificam corpos gordos, deficientes, femininos ou não normativos?

7.

Dos impulsos desejanter...

Impulso Maior

Provocar deslocamentos no modo como a Educação Física é concebida no Novo Ensino Médio, cartografando as forças que capturam os corpos e os saberes, para abrir linhas de fuga que permitam novas invenções pedagógicas.

Impulsos Menores

1. Cartografar as normas e discursos que produzem a restrição na Educação Física escolar, evidenciando suas capturas e exclusões.
2. Experimentar os agenciamentos que conformam os corpos e subjetividades, tensionando as imposições curriculares e pedagógicas.
3. Desterritorializar os sentidos hegemônicos da Educação Física, ampliando suas possibilidades expressivas e educativas.
4. Produzir linhas de fuga que potencializem práticas pedagógicas inventivas, atravessadas pela diferença e pela multiplicidade

Nessa lógica, elencamos como possibilidades:

1. Tornar visível o que foi naturalizado

Professores percebem que a Educação Física não é neutra, mas historicamente construída com base em normas disciplinares, rendimentistas e excludentes.

2. Provocar a experiência da captura e da fuga

Ao experimentar gestos e posturas normativas e depois distorcê-los, os docentes sentem na própria pele os efeitos da rigidez e suas possibilidades de ruptura.

3. Ampliar as concepções sobre corpo e movimento

Provocar os professores a romperem com a visão tecnicista e explorem a Educação Física como espaço de experimentação, expressão e multiplicidade.

4. Desencadear práticas pedagógicas mais inventivas

Levar o professor à reflexão sobre a rotatividade, criando estratégias que desafiem a linearidade curricular, possibilitando aulas mais abertas à diversidade dos corpos e das culturas corporais.

5. Potencializar linhas de fuga dentro da escola

Criar com os professores novas perguntas e impulsos para tensionar as imposições do Novo Ensino Médio, abrindo brechas para práticas que afirmam a diferença.

8.

Desdobramentos esperados...

Disparar um gatilho de ressignificação, que impulsiona os/as professores/as a romperem com as lógicas prescritas e criar com seus estudantes, lógicas ainda não imaginadas.



9.

Materiais ...

Espelhos pequenos (opcional)

Canetas e lápis de
cor

Projektor ou quadro para exibição de
imagens

Espaço para
movimentação

Folhas de papel ou cartazes



10.

PORQUE DESTINAR ESSA OFICINA AO PÚBLICO FOCO:

Professores/as de Educação Física Escolar



A educação física, através dos gestos motores padronizados, das regras impostas, do caminhar dentro das linhas, entre outras formas não mencionadas, imprime um rosto disciplinador, que mede, vigia, submete.

Mesmo assim, algo escapa: corpos que dançam fora do compasso, brincam na contramão da competição, aprendem na errância, silêncios que são quebrados nas vibrações, contágios que fazem arrepiar os cabelos e impulsionam ações, reações, sensações. Os corpos vibram no encontro, no contato, no toque.

Os/as professores/as são nosso público-foco porque podem operar o movimento disruptivo. Eles/as habitam espaços propícios para causar fissura entre a norma e a diferença.

Com Deleuze e Guattari(2012), desmascaramos a educação física, liberando fluxos que rompem a rigidez curricular. Queremos tocar o ensino, abrir brechas para o sensível, para o toque que não violenta, mas afeta. A educação física pode ser mais que repetição de gestos cristalizados; pode ser invenção de novas formas de estar juntos. Professores/as são agentes dessa mutação, onde a norma pode ser dobrada e o jogo reinventado.

11.

TEMPOS? ESPAÇOS?

ATIVIDADE	TEMPO DE EXECUÇÃO
O rosto e a Educação Física	40 min.
Refazendo uma proposta de Rostidade da Educação Física	30 min.
A rostidade e o social	20 min.
Criando novos rostos	20 min.
Entrelaçando percepções/ações/sentimentos...	30 min.
Convite ao devir	10 min.

“ Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos. Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes. ”

Deleuze e Guattari, 2012, p. 36

ENTÃO

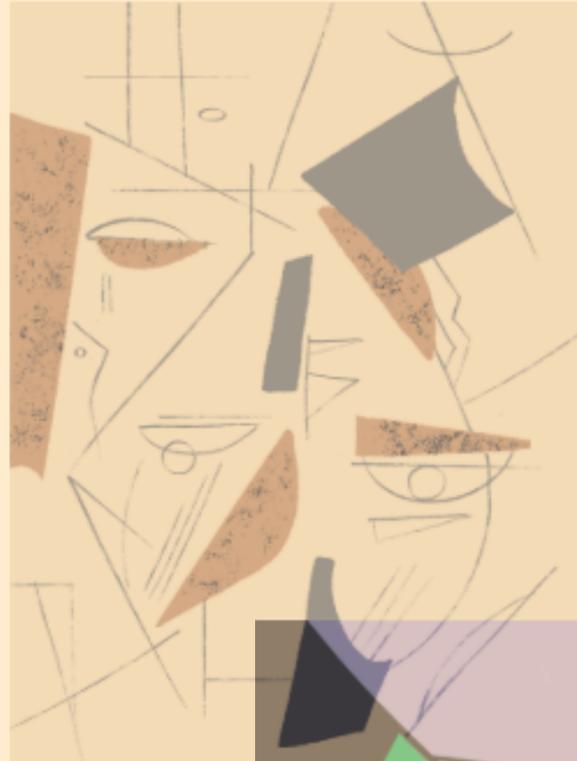
VAMOS

LÁ?!!

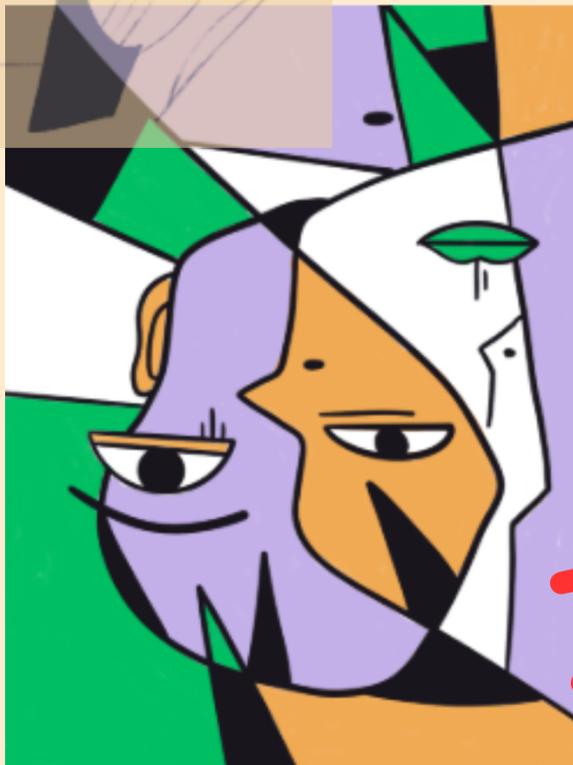
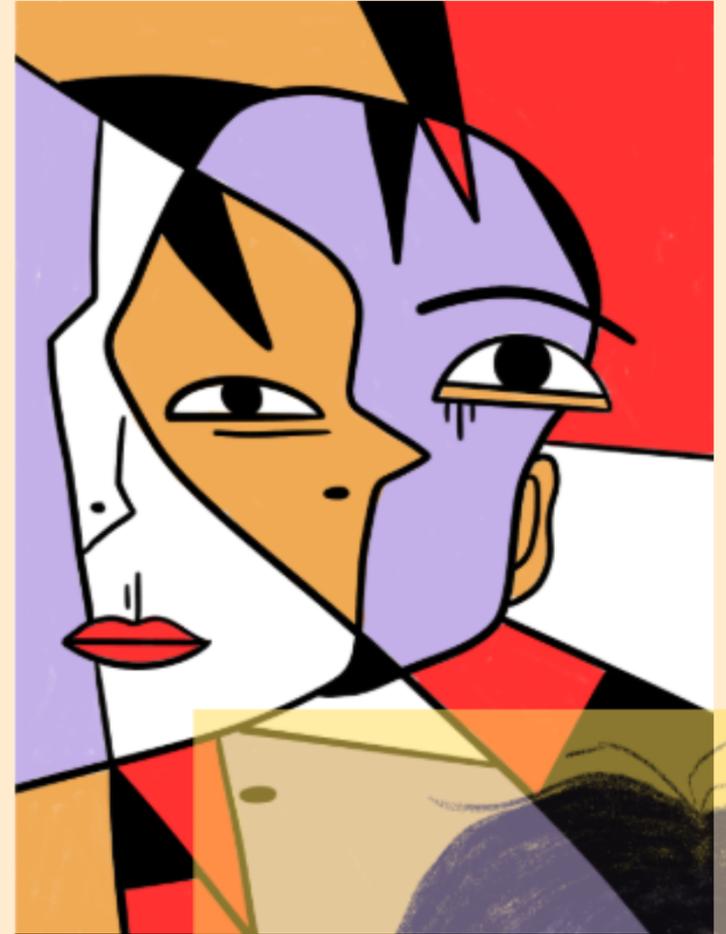


12.

PERCURSOS...



CURSOS...



INCURSOS.



RECURSOS...



PREPARANDO O PERCURSO

Nosso convite agora é para você se desconectar e....se reconectar. Procure um lugar silencioso, faça leitura do Qr Code e escolha uma das músicas do repertório.

Sugerimos, ao final da oficina, se puder, ouvir todas, sempre se voltando para a temática dos rostos. Leve o tempo que precisar. Ouça a música procurando mergulhar nos versos, se conectar com as suas atitudes disruptivas na escola...na vida...no amor..na diversão..na sua existência.

Procure recordar as sensações, sentimentos, reações, atitudes, provocações e outras mais, você ou os outros que te cercavam vivenciaram. Como se sentia? E como se sente agora? Foi positivo? Ou nem tanto? Mas, se nem tanto, foi por você ou pela padronização? do espaço? das pessoas? De que? E aí, faria de novo?

Ao final da Oficina, peço pra você me contar como foi. O Qr code que será disponibilizado no final das atividades, tras um espaço para você me contar, caso deseje, como foi ouvir a música que escolheu e projetar nela os conceitos aqui abordados.

***IMPORTANTE:** Procure anotar ou decorar o nome da música que escolheu.*

13.

...UMA IMERSÃO

INICIANDO...

Todas as músicas aqui sugeridas, na sua essência, trazem alguma provocação. No intuito dos resultados que objetivamos alcançar, toda provocação é um apelo que pode carregar um compromisso político, ético e até mesmo, estético, no sentido que o pensamento deve se abrir para a sensibilidade e para os corpos.

Com base na música que você irá ouvir, procure, de olhos fechados, projetar corpos, rostos, comportamentos, sensações, sentimentos ao enredo harmônico que se desenha em forma de melodia.

Naquelas que conseguir, projete-se nelas. Mergulhe na letra buscando se encontrar com algum momento, experiência ou situação que vivenciou.

Aqui, nesse outro Qr Code, estão as músicas que sugiro para sua viagem de desconexão e reconexão. Boa experiência para você. Músicas propostas:



Percurso 1 – O Rosto da Educação Física (40 min.)

➤ **Atividade 1: Desenhando ou descrevendo ou fotografando ou imprimindo ou reproduzindo o "rosto" da Educação Física.**

I. Cada participante desenha ou escreve ou recorta/cola ou demonstra ou encena, o professor de Educação Física a partir da imagem que se tem, ou do que ele mesmo defende como visão da educação física. Importante dizer, que apesar dos comandos, não se deve impedir o participante de expressar sua idealização de outras formas diferentes das mencionadas.

Pode se basear em imagens criadas pelos/as alunos/as, colegas de profissão, colegas bacharéis em EF, colegas de outros componentes/áreas de conhecimento, etc...(15 min.)

II. Baseado na representação que o professor colocou no papel, faz-se o compartilhamento e discussão coletiva sobre padrões percebidos. (25 min.)

MATERIAIS: Papel, caneta, lápis de cor, cartolina, outros...

15.

Etapa 2 – Refazendo uma proposta de Rostidade da Educação Física (30 min.)

Atividade 2: Incorporando novos modos, gestos, perfis, subjetividades na Educação Física

I. Em duplas ou grupos (a depender da quantidade de participantes), as/os professoras/es, baseando-se no que foi discutido/compartilhado/refletido, colocam no papel “o perfil ideal de professor de educação física”. Diferente daquele fixado nas mentes ou imagens sociais impregnadas no imaginário. (10 min.)

II. Parada para as trocas e contágios. (20 min.) –

A ideia é que a discussão caminhe para o debate amistoso de que não existe um ideal de professor. É intencional a provocação para verificar se eles conseguiram entender o conceito da rostidade e possam questionar porque criar imagens de ideal quando estamos buscando a lógica do rompimento? Porque padronizar um perfil de professor, se estamos em movimento de criar possibilidades e espaços para as multiplicidades?

MATERIAIS: papel, lápis de cor, cartolina, pincel, outros...

16.

Etapa 3 – O movimento, a rostidade e o corpo (30 min)

Atividade 3: Incorporando os gestos da Educação Física tradicional ou da dinâmica social

I. Em duplas ou grupos, as/os professoras/es improvisam danças a partir do comando do/a aplicador/a. A intenção aqui é capturar/cartografar gestos e movimentos que foram realizados com base na memória esportiva, corporal ou de formação. Espera-se conseguir verificar que os/as professores/as se utilizam ou repetem posturas, gestos, comportamentos e outros, típicas da educação física ou considerando padrões sociais estabelecidos. É necessário gravar a atividade.

Posicione uma câmera em local fixo que consiga pegar a amplitude do local onde é aplicada a atividade.(15 min.)

II. Se possível, compartilhe com o grupo a gravação e peça-os para identificar os gestos marcados pela imposição social. Pela lógica da rostificação, o esperado é que ninguém extrapole os limites comuns de movimentação ou de expressão.

MATERIAIS: Aparelho de som, aparelho de filmagem

17.

Etapa 4 – Quebrando Rostos (40 min.)

Atividade 4: Como seria uma Educação Física que foge da rostidade?

I. Os grupos inventam novas imagens para o componente Educação Física: podem criar um novo professor, novo aluno, nova escola, novo campo de trabalho na educação, novos jogos, ou nova prática pedagógica que rompa com a tradição da EF. (10 min.)

II. Momento de encontros e trocas. (30 min.)

Sugestão: Produção de cartazes, textos ou pequenas encenações para compartilhar com o grupo.

MATERIAIS: papel, lápis de cor, cartolina, pincel, outros...

A Educação física ideal?

18.

Etapa 5 - Reflexão e Encaminhamentos (20 min)

➔ Discussão final:

I. Qual a sensação de participar da atividade?

II. Como podemos tensionar essas imagens no cotidiano escolar?

III. Que estratégias utilizar para trazer mais diversidade e liberdade para as aulas de Educação Física?

IV. O que estão fazendo do nosso componente?

V. A quem interessa imobilizar os corpos?

VI. E impedir os encontros?

VII. Quais as percepções de vocês a respeito do que aconteceu aqui?

VIII. Quando e porque paramos de usar nosso devir-criança para propor diversificação nas práticas das nossas aulas?

IX. Como utilizar a tecnologia para inovar e não sermos substituídos pelo celular, computador, tablet e outros?

X. Qual o futuro da educação física escolar? Quais os horizontes possíveis?

19.

NOS DESPEDINDO COM UM MERGULHO PARA PENSAR, REPENSAR, TORNAR A PENSAR

O cotidiano, tantas vezes rígido, insiste em nos coreografar dentro de passos previsíveis. Um ritmo marcado por exigências, regras e repetições. Mas há corpos que desafiam essa cadência. Há gestos que rompem. Há fluxos que escorrem para além do esperado. No fundo de uma piscina, uma bailarina dança. A gravidade cede, os movimentos deslizam em suspensão, o corpo reinventa sua relação com o espaço. Não há chão para guiar os passos, apenas a entrega ao fluxo, ao tempo outro que a água propõe. Aqui, a dança se torna produção de devir, criação de novas formas de existir.

A pedagogia do cotidiano nos ensina a seguir linhas retas, a respeitar contornos fixos. Mas e se dançássemos para além desses limites? E se a ruptura fosse a verdadeira matéria da aprendizagem? O mergulho não é apenas submersão; é atravessamento, desdobramento, ensaio de outras possibilidades.

Seria essa a potência do pós-crítico? Uma abertura para gestos que não reproduzem, mas recriam? Uma prática que não apenas responde ao instituído, mas o desestabiliza? Mergulhar, então, é mais do que um gesto físico. É um convite ao desvio, ao rompimento com o que nos ancora em verdades estanques. É a criação de uma dança que não pede permissão para ser.

Afinal, o que nos move quando deixamos de buscar o chão?



20.

A você, professor, que todos os dias pisa o chão da escola, ofereço este agradecimento em forma de apelo. Pois sei que a quadra não é apenas um espaço demarcado, nem as regras do jogo.

Na pele dos estudantes, na dobra dos gestos, na intensidade dos encontros, há algo que insiste. Algo que escapa à organização reta do currículo, algo que pulsa como um rizoma costado, atravessando a norma, abrindo fendas na prática.

Você sabe: a educação física não se encerra na execução de movimentos técnicos. Há rostidade nos corpos em deslocamento - rostidade que não se fixa, mas que se refaz a cada jogo, a cada dança, a cada resistência ao cansaço imposto. O corpo não é mero instrumento, mas campo de reivenção.

Por isso, professor, não se deixe territorializar pelo vazio curricular, pela simplificação do corpo à reprodução sem criação. Que sua prática seja ruptura, que suas aulas sejam invasões em territórios rígidos, abrindo clareiras onde a experimentação possa respirar.

Que cada alongamento seja um gesto de reterritorialização, um desvio que desafia o controle, uma aposta na potência do movimento que não se dobra ao instituído.

Que a quadra seja um campo de variação, onde os corpos podem dançar os seus próprios ritmos, torcer as regras, inventar outros jogos. Que sua prática não normaliza, mas desestabiliza; que não modele, mas provoca. Pois na dobra do gesto, no tropeço, no improvisado, há toda uma micropolítica em disputa.

Professor, obrigado por cada vez que você abre a passagem. Por cada vez que, em vez de ditar um passo, convida ao devaneio. Por cada vez que, no lugar do comando, oferece um toque, um ritmo, um tempo para respirar.

AO PROFESSOR QUE DANÇA COM O CAOS

21.

Agora, terminando nossas imersões, disponibilizo um espaço para conversarmos um pouco sobre a Oficina.

Sua participação foi valiosa para a Oficina e, mais essa contribuição, será ainda mais enriquecedora para nossas correções, atuações, mensuração do que o conceito de rostidade provocou aos participantes.

GRATIDÃO A VOCÊ QUE ESTEVE CONOSCO.



COLETANDO DADOS DA SUA PARTICIPAÇÃO

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, v. 2, 2012. 138 p.

DELEUZE, Gilles. Proust e os Signos. 2a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. (Trads.: Luiz B. Orlandi; Roberto Machado) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. 420 p.

MANNING, Erin. Políticas do Toque: Sentidos, movimento e soberanias. São Paulo: GLAC Edições; 1ª edição (20 setembro 2023, 2023. 256 p.

TRINDADE. Rafael. LAURO. Rafael. RAZÃO INADEQUADA. Rostidade - ano zero.
Disponível em: <https://razaoinadequada.com/sobre-nos/>. Acesso em: 12 mar. 2025.